

# País da infância imóvel

Maurício de C. T. Panella – Facultad de Bellas Artes de Granada – Espanha

## RESUMO

Reflexão sobre o livro “*A Poética do Espaço*” de Gaston Bachelard. Esta poética se reflete na beleza de alguns mitos ameríndios coletados por Claude Lévi-Strauss que estão no livro “*A Oliveira Ciumenta*”. Esta mito-poética encontra aconchego na experiência escultural e arquitetônica da construção de uma casa de barro com a forma de uma mulher ao parir localizada no Parque das Dunas de Natal. Foi a vivência nas palavras de Bachelard e Lévi-Strauss e a leitura da experiência escultórica e arquitetônica da Casa Mãe Terra que possibilitaram que este texto nascesse para convidar os leitores a um devaneio poético ao País da Infância Imóvel.

Palavras-chave: Devaneio. Espaço. Terra. Casa.

## RESUMEN

Reflexión sobre el libro “*La Poética del Espacio*” de Gaston Bachelard. Por otro lado esta poética se reflejó en la belleza de algunos mitos ameríndios colectados por Claude Lévi-Strauss que están en el libro “*La Alfarera Celosa*”. Esta mito-poética encuentra espacio en la experiencia escultural y arquitectónica de la construcción de una casa de barro con la forma de una mujer al parir localizada en el Parque das Dunas de Natal. Fue la vivencia en las palabras de Bachelard y Lévi-Strauss y la lectura de la experiencia escultórica e arquitectónica de la Casa Mãe Terra que posibilitaron que este texto naciera para invitar a los lectores a un devaneo poético al País de la Infância Inmóvil.

Palabras-clave: Devaneo. Espacio. Tierra. Casa.

Eu poderia dizer que o que eu tenho para falar é sobre a terra. Eu ainda poderia tomar caminhos mais curtos e óbvios e afirmar que o que eu tenho para contar é sobre as casas. E na verdade é por onde passei, por onde eu fui chamado. Um chamado que veio primeiramente das terras úmidas, de terras desejosas de carinhos, sedentas por viver ou-

tras formas. Fui chamado por grãos aos quais, por sua incrível plasticidade, foi incumbida a missão de ajudar os humanos a criar mundos imaginários. Ajudar-lhes a compreender a incomensurável realidade que lhes abraça e que muitas vezes lhes causa um medo antro-po-cósmico.

Atendendo o chamado dos grãos de terra me vi juntando cipó, barro e madeira. Me vi erguendo uma casa. Uma casa de terra. E já não pude mais escapar de tudo o que esta casa tinha para me contar. É que “quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a morar em nós mesmos” (BACHELARD, 1978, p. 197). Ao tocar no barro, eu consequentemente tocava em minha casa. Ao abrigar-me nas formas da terra, abrigava-me em meu corpo.

E estava preparado para tudo isso? Digo: não exatamente para a construção desta casa de barro, mas sim para tudo que ela me faria pensar, lembrar e sentir. Já que “nossa alma é uma morada” (BACHELARD, 1978, p. 197), a terra e a casa me levaram ao silêncio de minha alma.

Hoje eu sei que o que eu realmente tenho para falar é sobre isso, sobre este espaço em que entrei, sobre este espaço que em mim entrou. Um espaço. Um lugar onde o “País da Infância Imóvel” de que fala Bachelard foi reencontrado.

Foi neste espaço que reencontrei este pensador peregrino de mundos imaginários e que ele outra vez mais entrou por meus poros sem mesmo avisar-me. Quando vi, já estava ele me convidando a participar de seus espaços antro-po-cósmicos aos quais o devaneio poético nos leva. Aceitei o convite e logo me vi como verdadeiro arqueólogo de sonhadoras imagens, observando e tentando compreender o que as coisas têm para nos dizer.

Para aqueles que estão curiosos em saber onde está o “País da Infância Imóvel”, digo que Bachelard o encontrou nas gavetas, nas conchas, nos armários, nos cofres, nas florestas... No fundo este país está lá, naquele espaço onde ocorre a comunhão entre lembrança e imagem, entre memória e imaginação. Quem sabe esteja lá no País da “Água-Furtada”, lá onde está a tranquilidade anti-humana, onde está o imemorial... onde estão os campos perdidos, como o mesmo peregrino Bachelard diz.

Este é o mundo de um olhar “infantil” que não envelhece, que se debruça perante a cosmicidade da vida. Um espaço imemorial, de eternidade. No País da Infância Imóvel, entramos e saímos e ele entra e sai de nós, sem muitas vezes nos darmos conta. Terá forma este espaço? Terá tempo? Quando percebemos, estamos nele, e ele em nós. Lá estamos na Poética do Espaço, do devaneio.

Será um espaço mágico, uma porta que se abre a uma dimensão pouco conhecida? Será este portal ao País da Infância Imóvel uma dádiva para consciências ingênuas?

No espaço da Poética do Devaneio de Bachelard a imagem existe antes do pensamento. E para se alcançar este espaço talvez seja “[...] preciso então que o saber se acompanhe de um igual esquecimento do saber”. (BACHELARD, 1978, p. 194).

Para mim o (re)encontro deste espaço se deu através da construção de um recanto. E nele, algo ressoou dentro de mim: “Levai-me caminhos!” (DESBORDES apud BACHELARD, 1978). Eram os grãos de terra querendo novas formas, desejosos de nascer e fazer nascer. Convocaram minhas mãos e outras mãos para que gestássemos uma mãe que nos acolhesse em seu ventre e nos levasse pequeninos, ao País da Infância Imóvel.

Foi necessário abraçar e amassar a terra. Também foi necessário subir por uma escada em caracol que nos fizesse ver-nos como pequenos insetos fazendo sua morada de barro. Foi assim que este portal se abriu e a escada se tornou um cordão umbilical.

Concebemos uma Mãe. A Mãe. Dentro desta Casa Mãe Terra, o barro era a carne; a madeira, os

ossos, e os cipós, as veias. Renasci no silêncio modelador, a imaginação se abriu e encontrou lembranças. Estava no País da Infância Imóvel.

Será que ouvi a voz da avó do barro? Teria visto a mulher de barro, a mulher pote<sup>1</sup>? Teria mergulhado nas entranhas da terra e a visto como uma grande mãe de barro? Teria subido ao céu e voado pelos ares e me sentido como pólen em busca de morada?

Eu poderia verificar, buscar explicações racionais, mas “a verificação faz morrer as imagens.” (BACHELARD, 1978, p. 254). E as imagens são pequenas histórias que vivemos. Umhas ligadas às outras e nossas vidas se fazem como contos. E nossos contos imagéticos algum dia têm que ser lidos por nós mesmos, vistos sob o prisma de um olhar macroscópico. Um olho lá em cima e nós aqui embaixo caminhando, buscando trilhas, rumos. Pois, “uma simples imagem, se for nova, abre um mundo. Visto de mil janelas do imaginário, o mundo é mutável. Com um detalhe poético, a imaginação nos coloca diante de um mundo novo” (BACHELARD, 1978, p. 285).

Dentro da Mulher Pote, desta casa de barro, pude me imaginar pequeno outra vez. “De fato a imaginação miniaturizadora é uma imaginação natural. Que [...] aparece em todas as idades do devaneio dos que nasceram sonhadores.” (BACHELARD, 1978, p. 294). Assim, vendo-me como pequeno vaga-mundo, a Terra pareceu tomar curvas. Meus pequenos passos de criança-histórica diante da antigüidade da linha do Tempo já não tiveram pressa e as formigas me mostraram seus ciclos, seus vícios, suas moradas de terra. Os passos de criança-histórica me deram calma para ver a vespa-oleira moldando sua casa-pote, seu ninho circular feito de barro.

Já dizia Bachelard, na “*Poética do Espaço*”, que “a lupa do botânico é a infância reencontrada.” (BACHELARD, 1978, p. 298). E foi isso que me aconteceu. A pequenez como criança-histórica permitiu-me entrar outra vez no País da Infância Imóvel

1 Designação a um ente da natureza que aparece em mitologias da América e que aparece no livro “*A Oleira Ciumenta*” (Lévi-Strauss, 1985).

e o olho que me via desde de lá das alturas me ofereceu visão para perceber outras minúcias daqui da Terra.

... É, caro Bachelard: pensei que fosse falar sobre a terra, pensei que pudesse falar sobre nossas casas e quando me vi, mestre peregrino, estava viajando a um País, a um espaço que me mostrou que a Infância Imóvel é saber que “tomar a lupa é prestar atenção, mas prestar atenção, não será, possuir uma lupa? A atenção é por si só uma lente de aumento.” (BACHELARD, 1978, p. 300).

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Lisboa: Edições 70, 1985.